

OFICINA DE FANZINE NA PANDEMIA*

FANZINE WORKSHOP IN PANDEMIA

Evelyn Raquel Carvalho¹

Lucas Paulatti Kassar²

Clóvis Wanzinack³

Maria Sara de Lima Dias⁴

Resumo

Este relato de experiência sintetiza uma ação extensionista desenvolvida pelo Projeto TUTOR (tecnologia, universidade, trabalho e orientação profissional) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), realizada em modo online em dois encontros com a participação de 36 pessoas (professores/as, estudantes e comunidade em geral). A oficina objetivou difundir o fanzine como uma mídia alternativa passível de publicação independente, e também como prática pedagógica de reflexão sobre a realidade vivida no período pandêmico. O primeiro encontro, de viés expositivo, introduziu os/as participantes em informações sobre a técnica, suas características, possibilidades de expressão – poesias, colagens, letras musicais, entre outras - e objetivos da atividade. No segundo, os/as participantes apresentaram suas produções, descrevendo o processo de construção de ideias, os recursos disponíveis e as potencialidades do exercício. A proposta resultou em nove fanzines, cujos conteúdos concentraram-se nos seguintes temas escolhidos pelos/as participantes: identidade; economia; política; meio ambiente; isolamento social e aulas online. A análise das produções temáticas revela a criatividade expressiva dos/as participantes e indica que a experiência extensionista contribui de forma positiva e propositiva para a troca de conhecimentos e aprendizagem coletiva. Considera-se o fanzine como uma técnica alternativa acessível que pode favorecer a construção e comunicação de um pensamento crítico sobre a realidade. A análise da experiência aponta também que a proposta reforça as diretrizes da extensão universitária (interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade ensino pesquisa extensão; impacto na formação do estudante; impacto na transformação social), percebidas durante todo o percurso da atividade.

* **Artigo Original:** Recebido em 13/01/2021 – Aprovado em 23/02/2021.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba/PR, Brasil. *e-mail:* evelyncarvalho@alunos.utfpr.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5194-9812>

² Mestrando, bolsista CAPES, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba/PR, Brasil. *e-mail:* lucaskassar@alunos.utfpr.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7585-8103> (autor correspondente).

³ Doutor em Desenvolvimento Regional. Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná (UFPR). *e-mail:* cloviswa@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1859-763X>.

⁴ Pós-doutora em Psicologia, Coordenadora e Docente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba/PR, Brasil. *e-mail:* mariadias@professores.utfpr.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7296-6400>.

Apoio financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Palavras-chave: Extensão Universitária; Isolamento Social; Educação; Comunicação Popular; Dialogicidade.

Abstract

This experience report summarizes an extension action developed by the TUTOR Project (technology, university, work and professional guidance) of the Federal Technological University of Paraná (UTFPR), carried out online in two meetings with the participation of 36 people (teachers, students and the community in general). The workshop aimed to spread the fanzine as an alternative medium that can be independently published and also as a pedagogical practice of reflection on the reality experienced in the pandemic period. The first meeting, with an exhibition bias, introduced the participants to information about the technique, its characteristics, expression possibilities - poetry, collage, lyrics, among others - and activity purposes. In the second, the participants presented their productions, describing the process of building ideas, the available resources and exercise potentialities. The proposal resulted in nine fanzines, whose contents concentrated on the following themes chosen by the participants: identity; economy; politics; environment; social isolation and online classes. The analysis of the thematic productions reveals the participants' expressive creativity and indicates that the extension experience contributes in a positive and purposeful way to knowledge exchange and collective learning. The fanzine is considered as an accessible alternative technique that can support the construction and communication of a critical thinking about reality. The analysis of the experience also points out that the proposal reinforces the university extension guidelines (dialogical interaction; interdisciplinarity and interprofessionality; inseparability teaching research extension; impact on student education; impact on social transformation), perceived throughout the course of the activity.

Keywords: University Extension; Social Isolation; Education; Popular Communication; Dialogicity.

1 Introdução

A atividade de extensão é compreendida neste estudo enquanto comunicação, prática de construção coletiva, tecida num processo dialógico, cooperativo e colaborativo de aprendizagens. A partir de Freire (1983), concebe-se a extensão enquanto comunicação, relação, partilha e envolvimento, na qual a instituição de ensino toca e é tocada pela comunidade. O aprendizado é algo coletivo, não verticalizado, e carrega como significado “*construir, reconstruir, constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (FREIRE, 1996, p. 69, grifo nosso). A comunicação popular se evidencia na atividade de extensão como um elemento fundamental de integração e formação.

Segundo o Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEXT) a extensão é um: “(...) processo educativo, cultural, político, social, científico e tecnológico que promove a interação dialógica e transformadora entre as instituições e a sociedade, levando em consideração a territorialidade”

(FORPROEXT, 2015, p. 01). Desta forma, a prática extensionista volta-se para as peculiaridades da realidade local, e se fundamenta por diretrizes como a interação dialógica, a interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade ensino pesquisa extensão, transformação social e impactos na formação acadêmica.

A relação universidade/sociedade não pode ser uma junção de duas importantes palavras. Um discurso competente e bem elaborado. Exige fortalecimento de parcerias entre os poderes públicos federal, estaduais e municipais, visando a implementação de políticas públicas que integrem as universidades na superação da pobreza e promoção do desenvolvimento sociocultural; requer um exercício profundo de compreensão da realidade do outro, seja esse outro a comunidade ou a própria universidade. (DEUS, 2016, p. 100).

Ao reconhecer este *outro*, a cada momento a universidade questiona-se sobre para quê, como e para quem está a produção do conhecimento. Promoção da vida, diálogo com a comunidade em busca de soluções locais, renovação do conhecimento. Muitos são os caminhos aos quais a extensão pode levar. A necessidade de problematizar este processo que é dinâmico e requer a vivência a partir de realidades concretas, além dos muros, promovendo a revisão do próprio fazer da universidade na interação com contextos localizados. “Entre o universal e o particular, eis o desafio da extensão universitária no gestar de sua própria reformulação” (GUÉRIOS; STOLTZ, 2017, p. 17).

A atividade descrita neste relato foi realizada junto à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Curitiba. A UTFPR possui entre suas finalidades a oferta de cursos em diversas modalidades de ensino, com ênfase na qualificação técnica e tecnológica, visando o desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional. Esta potencialidade abrange a interação entre tecnologia e sociedade visando à produção de inovações sociais inclusivas, que atendam aos interesses coletivos de modo democrático e com perspectivas que abrangem a ação extensionista, como a desenvolvida pelo Projeto TUTOR (tecnologia, universidade, trabalho e orientação profissional).

O Projeto TUTOR foi fundado em 2015 e é formado por professores/as e alunos/as de diferentes instituições de ensino da cidade de Curitiba, Paraná. Busca analisar as trajetórias dos/as estudantes, suas continuidades e rupturas, e desenvolver com eles/as, soluções para sua integração social, política e crítica. Apresenta-se como plataforma de orientação e construção formativa de suporte aos processos de escolha e aperfeiçoamento profissional, para os/as estudantes de ensino médio até superior e, sem dúvida, para a comunidade como um todo. As ações desenvolvidas se dão por intermédio de rodas de conversa, oficinas, cursos, palestras, seminários, congressos, produção e divulgação de materiais didáticos, contando com a participação de profissionais de diferentes áreas do conhecimento e buscando atender os pertinentes assuntos relacionados ao trabalho, à tecnologia e à sociedade (TUTOR, 2020).

Na relação entre educação universitária e formação profissional, o projeto de extensão TUTOR objetiva estudar a constituição da subjetividade em diferentes

momentos da vida escolar e apoiar os/as estudantes em sua escolha profissional. Segundo Antunes (2003; 2005; 2009), as decisões tomadas desde o universo escolar e acadêmico até o mundo do trabalho acompanharão a pessoa por toda sua trajetória profissional e pessoal. Porém, muitas vezes, essas escolhas aparecem sem uma avaliação pessoal de autoconhecimento, de potencial, ou de informação sobre o mundo do trabalho que possam fundamentar as decisões a serem tomadas.

O ano de 2020 foi marcado por uma grave crise de saúde mundial devido à pandemia do novo Corona Vírus (COVID-19). Tal situação coloca em perspectiva a existência das universidades e suas ações de pesquisa, ensino e extensão, demandando adaptação ao novo modo de vida. A emergência sanitária abala as estruturas vigentes e rotineiras, atingindo as vidas e as ações humanas, sem exceções. Diante da dificuldade de acesso à vacina para a doença e insuficiência de estrutura na saúde pública para atender o número de casos, o método adotado globalmente, e indicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), é o isolamento social. Tal período, conhecido também como “quarentena”, se refere a uma conduta determinada pela autoridade sanitária de permanência em domicílio, no intuito de evitar aglomerações e exposição ao contágio. A UTFPR, por exemplo, desde março de 2020 encerrou suas atividades presenciais, mantendo-as em modo remoto.

Conforme Dias (2020), a COVID-19 nos coloca em suspensão do funcionamento cotidiano que até então vivíamos e nos obriga a pensar como ressignificar a existência, nossas relações sociais, o trabalho, o ensino e o lazer. Esse processo será mais difícil para aqueles que não têm possibilidade de escolha e que precisam seguir trabalhando, rompendo o isolamento e tentando sobreviver praticando as medidas preventivas possíveis. Situações complexas como aglomerados de famílias em espaços residenciais restritos, a insuficiência de leitos e infraestrutura adequada em hospitais, o trabalho remoto e muitas vezes precarizado, formam um cenário comum na realidade brasileira.

Ao se deparar com tal realidade e considerando os princípios fundamentais da prática extensionista, foi planejada a realização de uma oficina com o objetivo de estabelecer, mesmo em modo virtual, um momento de descontração, reflexão crítica e compartilhamento de uma prática alternativa de comunicação. Para

atender a este objetivo, foi definido trabalhar com a técnica do fanzine. O fanzine é um neologismo composto pela contração das palavras *fanatic* e *magazine*, de língua inglesa, que significa revista do fã. Caracteriza-se pela produção independente, artística e em micro escala de pequenas revistas construídas segundo a criatividade de cada participante (PEREIRA, 2016).

Rivas (2016) salienta que um fanzine pode ser elaborado sobre qualquer assunto: saúde, feminismo, meio ambiente, política; e apresentado de infinitas maneiras: digital, artesanal, colorido, preto e branco, costurado, desenhado a mão, com colagens, grafite, pintura. Destaca-se o fanzine como uma mídia alternativa e crítica, que se apresenta como:

[...] folha sem pauta, pronta para exercitar, de maneira tátil, teorias, temáticas diversas e disciplinas de currículo. Além disso, pode decantar sofrimentos, tranquilizar aprendizagens, destravar palavras e números; com seu exercício de recortar, colar e expressar as próprias mensagens, chega a alcançar fendas da própria subjetividade. (PUNI, 2015, p. 04).

O fanzine enquanto técnica comunicacional permite no contexto escolar “a mobilização da capacidade criativa dos alunos na perspectiva de uma atuação social e de uma exibição individual/autorial que muito oferece à construção de uma identidade autônoma” (PEREIRA, 2016, p. 149). Em sua experiência na sala de aula Pereira (2016), destaca que o fanzine reforçou o diálogo e a troca de experiência entre todos/as os/as participantes, viabilizando formas alternativas de abordagem do conteúdo, dinamizando e tornando mais atrativa a aprendizagem.

Valendo-se da qualidade da comunicação livre e dos espaços próprios de expressões que envolviam textos, imagens impressas, colagens e diagramação de um veículo informal, estes alunos conquistaram uma voz própria, que fala de sua interpretação sobre os temas assumidos, que avança opinativamente sobre questões sociais que envolvem sua comunidade e que alcança o ideal de todo autor de texto: serem lidos (PEREIRA, 2016, p. 156-157).

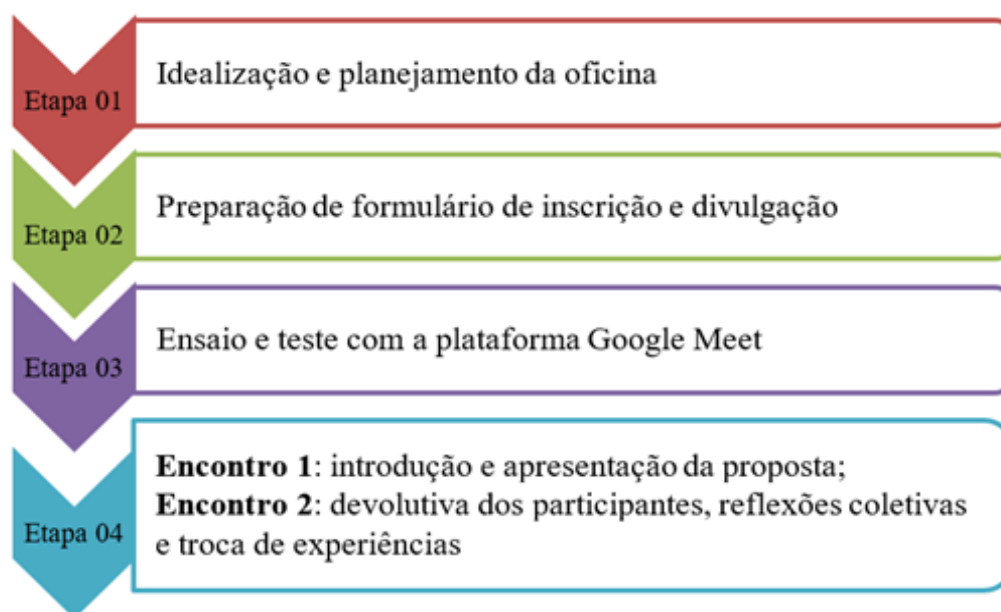
A oficina sobre fanzine é parte da série de ações que o Projeto TUTOR se propõe a desenvolver em modo remoto, diante do momento de isolamento social. A atividade foi realizada em setembro de 2020, constituindo-se como uma ação de comunicação com a comunidade e fortalecendo um dos pilares fundamentais da universidade: a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão.

A partir do contexto desafiador e da trajetória de atuação do Projeto TUTOR, este trabalho objetivou relatar a experiência obtida por todo o processo de construção da oficina sobre o fanzine, suas etapas, diálogos e aprendizados, articulando a ação às diretrizes da extensão universitária.

2 Metodologia

Para a realização do evento extensionista foram estabelecidas previamente algumas etapas para um melhor direcionamento e organização ao longo do processo de construção da atividade. Os temas abordados, o número e perfil dos/as participantes não foram previstos, assim como as discussões durante a oficina, que ocorreram segundo o próprio movimento do grupo. A Figura 1 exibe as etapas e ações que foram desenvolvidas.

Figura 1 – Fluxo das ações de envolvimento do evento de extensão



FONTE: Elaborado pelos/as autores/as (2020).

A primeira ação (Etapa 01) foi de idealização da oficina, com o agendamento de uma reunião online via plataforma Google Meet. Nesse momento se propôs elaborar o objetivo da oficina, os materiais necessários, o tempo de duração dos encontros e os métodos de divulgação. Para maior segurança, foi estabelecido um controle de acesso à sala do evento, mediante formulário de inscrição prévia, desenvolvido na plataforma Google Forms (Etapa 02). No momento em que foram realizadas as inscrições, todos/as os/as participantes assinaram um termo de consentimento autorizando o uso de imagem, áudio e das respostas preenchidas no formulário. A divulgação do evento foi realizada virtualmente nas principais mídias de comunicação da UTFPR e do Projeto TUTOR - e-mail, websites, Instagram, Facebook e WhatsApp, com a publicação de um cartaz informativo produzido pelos/as autores/as.

Por se tratar de uma atividade já realizada anteriormente pela facilitadora, porém em modo presencial, foram necessárias algumas reuniões complementares, em modo virtual, via plataforma Google Meet, com a finalidade de ensaiar a apresentação com o mediador e testar a projeção do material didático de apoio (Etapa 03).

A Etapa 04 refere-se à realização da oficina, planejada em dois encontros. O primeiro foi reservado à introdução da técnica do fanzine, descrição de exemplos e apresentação de experiências, possibilidades artísticas e de materiais. Foram indicados alguns métodos adotados para a montagem dos fanzines: cuidado na escolha de imagens e palavras; estudo do espaço da folha; apresentação dos créditos de todos/as os/as envolvidos/as, apresentação de logotipos entre outros. O segundo encontro concentrou-se na apresentação dos fanzines construídos pelos/as participantes, na troca de experiências e reflexões sobre os materiais produzidos.

3 Resultados e discussão

As oficinas com a comunidade ocorreram via plataforma Google Meet nos dias 03 e 17 de setembro de 2020. No primeiro encontro estiveram presentes 36 pessoas (34 mulheres e 02 homens) e, no segundo, retornaram para concluir a atividade 18 participantes. Dois participantes estiveram presentes apenas no segundo encontro, assim, o grupo contou no dia com 20 pessoas (18 mulheres e 02 homens). O perfil do grupo era composto por pessoas com ocupações

diversas (estudantes, empregados/as assalariados/as, informais, desempregados/as), formações variadas (Psicologia, Serviço Social, Engenharia, Ciências Sociais, Design), residentes de distintas cidades do Paraná (Curitiba, Campo Mourão, Paranaguá, Pontal do Paraná, Matinhos) e com faixa etária de 14 a 60 anos de idade. Por questões éticas foi mantido sigilo sobre a identidade dos/as participantes referenciando-os/as no texto apenas pela letra inicial do seu próprio nome.

O primeiro encontro caracterizou-se pela introdução, reflexão sobre a técnica do fanzine e apresentação da proposta de atividade. Foram expostos exemplares de fanzines e possibilidades de temas, compartilharam-se outras experiências com a técnica e responderam-se dúvidas sobre o material didático. Durante o encontro foi sugerido que os/as participantes registrassem ao longo do tempo suas ideias e palavras de destaque, recortassem imagens

de revistas e jornais e desenassem em uma folha em branco o que viesse à mente, para utilizar na confecção do próprio fanzine.

A partir da experiência do primeiro encontro, constatou-se que o fanzine é uma mídia alternativa pouco conhecida. As dúvidas centralizaram-se sobre o caminho da construção do material, como sintetizar ideias, escolher imagens e possibilidades de aplicação do método pedagógico em outros espaços, como por exemplo em sala de aula e grupos de trabalho. A proposta lançada no primeiro encontro foi: “Se você pudesse enviar, através do fanzine, uma mensagem para o futuro sobre o momento vivido, que mensagem você encaminharia?”

Antes do segundo encontro, os/as participantes fizeram contato com a facilitadora para tirar dúvidas sobre o andamento de seus fanzines, enquanto outros/as multiplicaram a experiência com seus

pares. Alguns enviaram depoimentos de como estava o processo, fotos dos seus ensaios, figuras escolhidas e palavras significativas.

A Figura 2 apresenta o registro de ensaio da confecção do fanzine da participante I.

Figura 2 – Foto do ensaio do fanzine da participante I.



FONTE: Acervo fotográfico da participante I. (2020).

O participante W. ao enviar seu fanzine antecipadamente, uma vez que não pode participar do segundo encontro, descreveu seu processo de construção coletiva do material:

Eu trabalho em uma unidade de acolhimento como educador social. No dia da oficina assistimos juntos, eu, e os jovens R. e G. No sábado eu trouxe algumas revistas e juntei com outras que tínhamos na unidade. Primeiro discutimos se usaríamos 8 páginas e, naquela data, decidimos temas distintos e trocamos referências. Aproveitamos para tirar fotocópia de algumas imagens que não poderíamos recortar, retiramos de livros didáticos. No primeiro dia definimos capa e contracapa e separamos/recortamos as imagens que iríamos utilizar. Depois ficamos livres para compor sozinhos. O meu, eu concluí em três etapas. E ao término mostrei o original para o R. e ele me mostrou o dele. Comentamos sobre os pontos que saltaram aos olhos nos fanzines uns dos outros. [...] Com nossos trabalhos concluídos, trocamos as cópias de fanzines entre a gente. O R. ousou mais e tirou cópia e distribuiu para todos/as os meninos/as da Unidade e para os/as educadores/as sociais (W., 2020).

Quando apontado o processo de construção do fanzine, a divisão e multiplicação de tarefas, escolha de temas, interação com os colegas R. e G., W. descobre coletivamente o que *salta aos olhos* no aprender *com e junto*, expressando e materializando esta construção conjunta num processo dialógico. W. indica também como o fanzine pode ser utilizado em diversas propostas, como no campo social dentro de unidades de atendimento.

Conforme a Política Nacional de Extensão (FORPROEXT, 2012), a interação dialógica busca superar a concepção ultrapassada de extensão enquanto repasse de conhecimentos, no qual a instituição de ensino *doa* e estende seu conhecimento para *aqueles que não os tem*. O documento prevê o desenvolvimento de uma ação conjunta entre universidade e setores sociais, ancorados pelo diálogo e ação não polarizada com troca de saberes, alternativa à hegemonia acadêmica e voltando-

se para o encontro com movimentos sociais de superação de desigualdades e de exclusão.

No dia 23 de setembro de 2020 foi realizado o segundo encontro, iniciado por uma recapitulação do encontro anterior, através da exposição de material em PowerPoint elaborado pela facilitadora denominado: “Oficina de Fanzine - Me conta do teu: partilhando vivências”. Em seguida, deu-se sequência então às apresentações dos fanzines produzidos pelos/as participantes. No total foram produzidos nove fanzines com temas voltados para: identidade; economia; política; meio ambiente; isolamento e aulas online. Os trabalhos foram apresentados de modo espontâneo e voluntário. Os/As participantes comentaram os trabalhos uns/umas dos/as outros/as e relataram que estavam aprendendo durante todo o processo.

A oficina realizada sobre o fanzine configurou-se como uma atividade reflexiva que questionou e expressou as diversas mudanças ocorridas durante a pandemia vivenciada pelos/as participantes.

A interação dialógica, a interdisciplinaridade e interprofissionalidade, a indissociabilidade ensino pesquisa extensão, a transformação social e impactos na formação estudantil - diretrizes da ação extensionista - guiaram e foram percebidas durante todo o processo de idealização, desenvolvimento, execução e reflexão da atividade relatada. Estes princípios são complementares e inseparáveis, voltados para o intercâmbio de realidades e para a inclusão (OLIVEIRA, 2016).

Quando se idealizou a proposta da oficina, foi refletido dialogicamente sobre a pergunta: “Quem é o Projeto TUTOR no ano de 2020?” A frequência nas atividades anteriores aponta que o TUTOR abarca uma diversidade de público contando com os/as estudantes do ensino médio até a pós-graduação, professores/as e profissionais diversos, integrantes de ONG’s, associações e comunidade de modo geral. Em cada atividade extensionista do TUTOR, cada expositor/a convidado/a traz seu universo, sua forma de enxergar o mundo, sua contribuição ao projeto. O leque de áreas profissionais e participantes sinaliza a interdisciplinaridade e interprofissionalidade, a diversidade de saberes, de interesses e de formas de interpretar a complexa realidade social. Em um cenário como o atual, de grave crise na saúde pública, Dias et al. (2020, p. 254) acrescentam que “a formação de uma rede de colaboração na pandemia da COVID-19 é fundamental, discutindo com uma

equipe interdisciplinar o papel de cada ator social, gerando um conjunto integrado de ações articuladas em prol do bem comum”.

Enquanto estudantes de pós-graduação e extensionistas, se realiza ao mesmo tempo ensino, pesquisa e extensão desde o momento que se interage, pesquisa, ensina, aprende e comunica. Na oficina oferecida à comunidade, esta comunicação se deu em linguagens variadas: escrita; pintura; desenho; poema; colagem; conversa. No diálogo entre a facilitadora, o mediador e os/as participantes, o conhecimento foi transformado e recriado. Estudantes, porém, ao mesmo tempo mediador ou facilitadora, participantes, mas também professores/as. Papéis se misturaram na construção do conhecimento, colaborando na formação acadêmica e pessoal de todos/as. Nesse sentido, constatou-se o fanzine como um método de comunicação alternativo pautada na interação dialógica. Uma técnica que estimula “a participação e a democratização do conhecimento, colocando em relevo a contribuição de atores não universitários em sua produção e difusão” (FORPROEX, 2012, p.31).

As formas como os/as participantes marcaram suas identidades nos seus fanzines construídos foram surpreendentes para todos/as, pois também cada um/a, ao observar a produção do/a outro/a, repensava a própria produção: “Você pediu para eu deixar a minha assinatura no fanzine. Eu deixei” (Relato da participante I., 2020).

A presença da participante I. foi de grande importância na oficina, pois mesmo tendo perdido os dedos da mão direita em um acidente de trabalho na juventude, fez questão de nos mostrar sua assinatura, marcando as duas mãos no fanzine que construiu.

A participante J. comentou o fanzine da participante I. (Figura 3): “Achei muito lindo, fiquei até emocionada quando ela traz a identidade para o fanzine dela, uma coisa muito pessoal”. Com emoções afloradas, o encontro caracterizou-se por trocas e construção de conhecimentos, sentidos e significados, oriundos dos espaços íntimos e interativos de cada um/a, alinhados às propostas dos encontros.

Figura 3 – Foto da assinatura do fanzine de I.



FONTE: Acervo fotográfico da participante I. (2020).

Durante a apresentação do trabalho realizado pela participante G. discutiu-se o momento pandêmico vivido, período em que o isolamento social foi o modo mais eficaz de evitar o contágio pelo vírus da COVID-19. Segundo ela, com a necessidade de ficar em casa, percepções do *ser* e *estar* foram alteradas, justificando a escolha do poema “Ausência”, de Carlos Drummond de Andrade, para a composição de seu fanzine.

Ausência

Por muito tempo achei que a ausência
é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada,
aconchegada nos meus braços,

que rio e danço e invento exclamações
alegres,

porque a ausência, essa ausência
assimilada,

ninguém a rouba mais de mim.

(ANDRADE, 2015, p.21).

A participante G. refletiu sobre a realidade do estar só, sobre seu significado e como se pode encontrar nesta ausência uma possibilidade de autoconhecimento com um exercício que chamou de *inventário de ideais de si mesmo*: “Se você se apropriou desse fato, que você tem essa ausência, mas que ela pode ser uma boa companhia, você consegue ver diferente esse momento que a gente está passando que é muito angustiante” (G. 2020). Ao olhar para si e mergulhar neste universo interior, geramos um repensar e a descoberta de possibilidades. Em outras palavras, G. contrapõe a realidade concreta da ausência de uma rotina com relações sociais, imposta pela pandemia, com a capacidade que temos de sozinhos, em nossas casas, mergulharmos em nosso mundo interior. Esta proposta gerou várias reflexões no grupo e também na facilitadora e mediador do processo, permitiu pensar sobre o período pandêmico mesmo que através de uma roda de conversa virtual, onde sentimentos e apreensões eram aflorados e compartilhados.

Peculiaridades do momento pandêmico também foram expostas por G. Esta, ao entrar na sala virtual com certo atraso e dificuldades de acompanhamento da atividade, explicou que tem feito muitas coisas ao mesmo tempo e que naquele momento havia recém saído de uma aula em modo virtual. Começou a assistir o encontro simultaneamente à finalização de outro. Este excesso de atividades virtuais foi confirmado por outros/as participantes, como é o caso de R.

O trabalho home office, as aulas online, pesquisas e leituras realizadas via plataformas virtuais como o Moodle, Google Meet e Classroom, somados a outras rotinas como a das demandas domésticas, caracterizam o dia a dia durante a pandemia da COVID- 19, que impacta a saúde e os hábitos de vida em todo o planeta. O *novo normal*, termo atribuído por muitas pessoas para este momento vivido, gerou adoecimentos físicos e mentais como consequências ao esgotamento por acúmulo de diversas responsabilidades e a sobreposição de papéis sociais (estudante, trabalhador/a, pai/mãe).

Em sua apresentação, R. comentou que a princípio desacreditou da possibilidade de concluir o material proposto e que a elaboração aconteceu simultaneamente a outras atividades escolares realizadas de modo remoto. Em seu fanzine, trouxe o debate das aulas online, que sobrecarregam educador e educando, retirando a possibilidade da interação direta e implicando que o/a estudante dê conta de absorver um conteúdo muitas vezes sem a discussão necessária e sem o apoio adequado do/a docente. R. afirma que utilizou três dias para construir seu fanzine e demonstrou satisfação com a conclusão da tarefa. Ao final, citou um trecho retirado de uma revista não identificada: “Adquirir conhecimento é algo incrível, necessário e vital para a nossa evolução, porém deve vir sempre acompanhado de execução para que esse conhecimento não se torne um peso morto que te atrapalha”. Foi observado no trecho referido a necessidade da educação com sentido, tecida junto aos processos de pesquisa e ensino em cada momento da formação acadêmica.

Outro fanzine apresentado foi o de F. que, apesar de não poder comparecer, enviou seu trabalho antecipadamente. Ao fazer uso da sátira e de sua criatividade, F. colocou no centro da montagem a figura de uma noiva coberta de grãos de arroz colados e sobrepostos, representando assim, com materiais alternativos, sua crítica central à situação

econômica vivida no Brasil. Isto se evidenciou no trecho de áudio enviado também antecipadamente pela autora do fanzine:

O Brasil é um país tão rico que produz em excesso. Acaba exportando as mercadorias e deixando o seu povo passando por dificuldade. Destaca a força do capitalismo. Olhando para a nossa realidade, escolhi esse tema. O preço dos produtos em alta. Colei o arroz como simbolismo dessa alta. Representação pensada. Sátira. Produtos caindo... e as pessoas sem acesso (F., 2020).

Além da crise na saúde pública, no Brasil a crise em 2020 também se deu na política e na economia. Houve uma alta de preços generalizada atingindo principalmente os itens da cesta básica, entre eles o arroz, que chegou a custar próximo a dez dólares/quilo. Em seu fanzine, Figura 4, F. apresenta de modo cômico sua crítica à alta dos preços, colocando no centro do material uma noiva coberta por grãos de arroz. Ao redor da noiva foram colocadas imagens de vários preços e uma mão recolhendo os grãos, em referência às celebrações de casamento onde o arroz é símbolo de fartura.

Figura 4 – Foto encaminhada via Whatsapp por F.

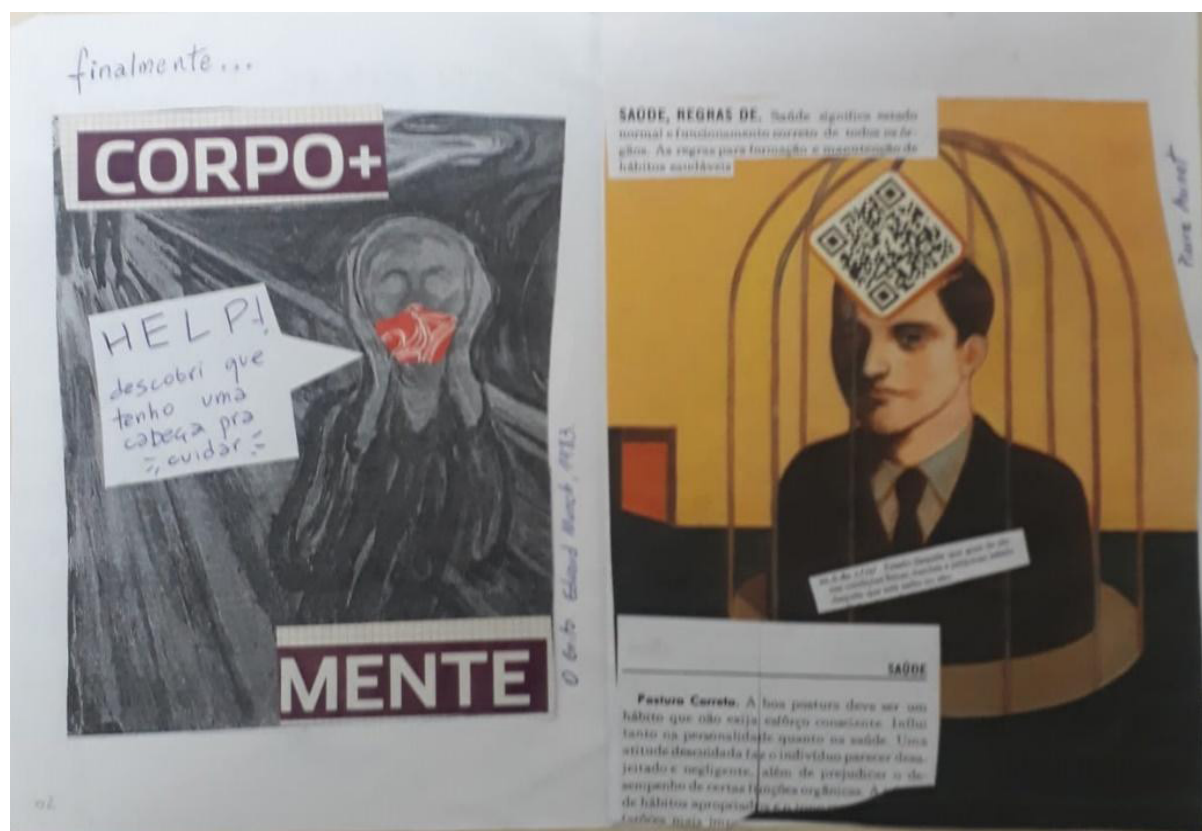


FONTE: Acervo fotográfico da participante F. (2020).

Já no fanzine de W., ilustrado pela Figura 5, foi possível perceber a imagem de duas pinturas, entre elas o famoso quadro “O grito” (MUNCH, 1893), de Edvard Munch (1863-1944). Ao trazer a pintura de Munch e associá-la às palavras *corpo* e *mente*, W. nos remete ao atual contexto, inserindo inclusive uma máscara (equipamento de proteção utilizado na pandemia) no rosto de pessoa que denota extremo pavor. É colocada ainda a expressão “socorro, descobri que tenho uma cabeça para cuidar”,

indicando o sentimento de fragilidade e preocupação com a saúde mental. Na segunda imagem selecionada por W., de autoria desconhecida, demonstrou-se uma situação de aprisionamento mental, em que a figura de um homem é engaiolada e marcada por um QR-code, código digital frequentemente utilizado para aplicativos em smartphones. O fanzine de W. nos faz pensar sobre as amarras digitais e seu impacto sobre a saúde mental.

Figura 5 – Foto do fanzine de W.



FONTE: Acervo fotográfico do participante W. (2020).

Um dos combinados realizados com os/as participantes durante a oficina foi de que todos/as, mesmo os/as que não apresentaram seu trabalho no segundo encontro, enviassem posteriormente fotos de seus fanzines, tanto para o registro da atividade, quanto para a produção de um material audiovisual compilando todos os trabalhos produzidos. O fato de a atividade ter ocorrido de modo remoto impediu que se tivesse acesso a todo o material produzido, uma vez que alguns/as participantes não souberam realizar os procedimentos, como o de digitalização do material e seu carregamento e envio por e-mail. A

inclusão digital é outro ponto a ser problematizado, uma vez que percebe-se que não basta ter acesso às redes virtuais, mas também é necessário o conhecimento para utilizá-las. Em um país com elevada desigualdade social como o Brasil, ao se transferir maior parte da vida ao ambiente virtual exclui-se pessoas de experiências como a realizada na oficina de fanzines. Inclusive no papel de executores/as das atividades remotas, apresentaram-se dificuldades e a necessidade de preparo para utilizar as ferramentas digitais.

Ainda assim, foi possível elaborar um material audiovisual com imagens de todos os fanzines produzidos e divulgar, junto das gravações dos encontros, por e-mail aos/as participantes e nos canais de comunicação do Projeto TUTOR.

4 Considerações finais

Pode-se observar que os/as participantes, mediante a atividade, recriaram palavras, conceitos e modos de pensar, construindo um conhecimento que não se fecha em si mesmo e que permite importantes trocas entre subjetividades.

Por ter ocorrido em modo remoto, a oficina teve sua divulgação limitada às redes sociais digitais. Outro fator decorrente foi o limitado acesso aos encontros, uma vez que demandou ter tempo livre dos/as participantes e uma estrutura tecnológica não acessível a todos/as, no mínimo um computador ou celular e internet adequada. Além disso, foi notado com a atividade extensionista que existe uma necessidade de maior conhecimento/capacitação para o uso das plataformas e ferramentas virtuais, pois mesmo que uma parcela considerável possua acesso a um computador ou celular e a alguma rede de internet, a experiência com plataformas virtuais de ensino ainda é reduzida. Mesmo no cenário acadêmico, em que se discute e propõe o surgimento de programas de inclusão digital, tanto para o acesso à internet, quanto com a aquisição de equipamentos de informática, estudantes ainda detêm pouco conhecimento para operar plataformas virtuais de pesquisa e bases de dados.

Os encontros virtuais são momentos interacionais novos, que exigem uma didática diferenciada por parte de quem conduz e que, com isso, pode ter inibido a inscrição de possíveis interessados e um maior envolvimento dos/as participantes durante a oficina. A educação é um processo de comunicação, interação, extensão e encontro. O fato da distância e do contato delimitado pela tela de um computador ou celular, dificultou em alguns momentos este processo, demandando modificações na dinâmica do trabalho, muito diferente do *olho no olho*, da *cor viva*, da entonação da fala, das percepções de temperatura e cheiros do ambiente.

Ao mesmo tempo em que o encontro remoto impõe barreiras, foi observado pontos positivos na oficina apresentada como: a possibilidade de participação

de pessoas de diferentes municípios, o que em modo presencial seria dificultado; a descoberta da viabilidade da oficina ser realizada em modo virtual, realidade até então não considerada possível; a continuidade do contato com os/as participantes após os encontros por outros canais de comunicação, fortalecendo as relações interpessoais, mesmo diante do isolamento social e a possibilidade de aplicação da atividade como prática pedagógica em outros espaços, como em sala de aula e em ambiente profissional.

O momento pandêmico mostrou que os recursos digitais aplicados em modo remoto podem ser aliados no processo educativo. Como os dois encontros foram gravados, houve a possibilidade de serem revistos conforme a necessidade do/a participante, solucionando dúvidas e favorecendo assim o aprendizado. Para a facilitadora e o mediador, rever as gravações, escutar os relatos e estudar as imagens ao longo da construção deste artigo, impactou positivamente no processo da pesquisa acadêmica.

Ainda em relação à questão tecnológica, reforça-se a importância da ampliação de práticas pedagógicas, integrativas e colaborativas, como a relatada, que corroboram com outra noção de progresso científico e tecnológico, mais participativo e democrático. A inclusão tecnológica é vista como fundamental neste processo, pois amplia horizontes na produção de conhecimento. Porém, é imprescindível a universalização do acesso a equipamentos adequados e ao conhecimento para sua utilização e da garantia de ambiente físico necessário para o estudo em modo remoto.

O fanzine pode ser uma técnica importante na construção de conhecimento dialógico mesmo em modo remoto. Uma vez que os/as participantes, estando em seus espaços domésticos e podendo realizar a confecção com outras pessoas com as quais dividem o ambiente, durante o tempo que for necessário e com os materiais disponíveis, são capazes de atingir uma maior liberdade de expressão e criatividade, na medida em que se supera, em certos aspectos, o limite estabelecido entre as paredes da sala de aula.

Por fim, a oficina de fanzines se mostrou uma prática pedagógica capaz de abordar diversos assuntos de forma artística e multissensorial, estimulando a pesquisa, o olhar crítico e a livre comunicação. Permitiu a reflexão sobre o momento vivido mediante o exercício de uma

técnica alternativa de comunicação, pautada no estabelecimento de um espaço de reflexão crítica e construção dialógica de conhecimento. Pessoas de diferentes idades, oriundas de variadas regiões, com distintas formações, experiências de vida singulares e objetivos diversos, reuniram-se para o aprendizado coletivo, estimulando a integração e evidenciando a interdisciplinaridade. Todo o grupo teve a oportunidade de aprender, ensinar, compartilhar e descobrir características da extensão, visualizando limites e planejando formas de fortalecer a ação, possibilitando a problematização de temas diversos.

Referências

- ANDRADE, C. D. Ausência. In: **O corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.21.
- ANTUNES, R. L. C. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- ANTUNES, R. L. **O caracol e sua concha**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, R. L. C. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- DEUS, S. Impacto e Transformação Social: o papel da extensão universitária. In: GONÇALVES, N. G.; QUIMELLI, G. A. de S. (org.). **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: CRV, 2016, p. 93-108.
- DIAS, M. S. de L. **A Patologia do Capitalismo, Coronavírus e o Cuidar**. Nuevo Blog. 2020. Disponível em: <<https://nuevoblog.com/2020/04/03/a-patologia-do-capitalismo-coronavirus-e-o-cuidar/>>
- DIAS, M. S. de L.; BROGNOLI, Paula Caldas; HAMM, Larissa Ricarte de Figueiredo; MOREIRA, Pedro. Extensão Universitária em Tempos de COVID-19: um relato de Experiência no Projeto (TUTOR). **Revista Extensão & Sociedade**, v. 12, n. 1, 4 set. 2020. p. 247-255.
- FORPROEXT. **Política nacional de extensão universitária**. Manaus, 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Pol%C3%ADticaNacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.
- FORPROEXT. **Contribuições para a Política de Extensão da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica**. Brasília, 2015.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GUÉRIOS, E.; STOLTZ, T. (org.). **Educação e extensão universitária**: pesquisa e docência. Curitiba: Editora Juruá, 2017.
- MUNCH, Edvard. **O Grito**. 1893. Pintura, óleo sobre tela, têmpera e pastel sobre cartão, 91 x 73,5 cm.
- OLIVEIRA, M. R. Prefácio. In: GONÇALVES, N. G.; QUIMELLI, G. A. de S. (org.). **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: CRV, 2016, p. 11-16.
- PEREIRA, D. Fanzine na sala de aula: uma proposta pedagógica de incentivo à produção textual. **Revista Bem Legal**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 149-159, 2016.
- PUNI, C. **Didática-Zine**: um fanzine sobre gênero e sexualidade para diferentes caminhos metodológicos. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2015.
- RIVAS, N. **Já ouviu falar em fanzine?** Design Culture. Set. 2016. Disponível em: <<https://designculture.com.br/ja-ouviu-falar-em-fanzine>>
- TUTOR (trabalho, universidade, tecnologia e orientação profissional). Canal no Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tutor.utfpr/?hl=pt-br>>